

*Tânia Campos Rezende*  
*Vitória Regis Gabay de Sá*

# **Infância, liberdade e acolhimento**

Experiências na educação infantil

*INFÂNCIA, LIBERDADE E ACOLHIMENTO*  
*Experiências na educação infantil*

Copyright © 2018 by Tânia Campos Rezende e Vitória Regis Gabay de Sá  
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**  
Assistente editorial: **Michelle Neris**  
Capa: **Alberto Mateus**  
Foto de capa: **Jefferson Coppola**  
Diagramação: **Crayon Editorial**  
Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

**Summus Editorial**

Departamento editorial  
Rua Itapicuru, 613 – 7º andar  
05006-000 – São Paulo – SP  
Fone: (11) 3872-3322  
Fax: (11) 3872-7476  
<http://www.summus.com.br>  
e-mail: [summus@summus.com.br](mailto:summus@summus.com.br)

Atendimento ao consumidor  
Summus Editorial  
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado  
Fone: (11) 3873-8638  
Fax: (11) 3872-7476  
e-mail: [vendas@summus.com.br](mailto:vendas@summus.com.br)

Impresso no Brasil

## SUMÁRIO

Prefácio .....	9
Prólogo .....	15
<b>I • A CONSTRUÇÃO DE UMA ESCOLA</b>	
Onde começa a história da escola Jacarandá? .....	19
Educar e cuidar .....	27
Saúde e bem-estar no espaço escolar .....	39
<b>II • O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL</b>	
A brincadeira .....	55
A brincadeira na escola .....	59
<b>III • NOSSO PROJETO PEDAGÓGICO</b>	
A formação de professores: autoria e coesão .....	71
O planejamento e a avaliação .....	79
A organização do currículo e os eixos pedagógicos .....	93
O que as crianças aprendem na escola .....	101
Os bebês: a constituição subjetiva da criança e as especificidades da pequena infância .....	167
<b>IV • O ESPAÇO DOS PAIS</b>	
A criança pequena e a “adaptação” .....	181
Escola e pais: uma relação de respeito .....	189
A participação dos pais no espaço escolar .....	199

## **V • AS CRIANÇAS “DIFÍCEIS”**

Singularidade <i>versus</i> coletividade . . . . .	209
Encaminhamentos e parcerias com outros profissionais . . . . .	225
A presença de uma fonoaudióloga na escola Jacarandá . . . . .	231
<b>Conclusão . . . . .</b>	<b>239</b>
<b>Referências . . . . .</b>	<b>241</b>
<b>Créditos das fotografias. . . . .</b>	<b>247</b>

## PREFÁCIO

JÁ DIZIA NOSSO poetinha: “A vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida”. A Jacarandá é um belo exemplo dos acasos da vida. Seu pontapé inicial deu-se com o frutífero encontro de Vitória, coordenadora pedagógica da Espaço Livre (que ia fechar as portas), e Tânia, psicóloga, mãe de um aluno que frequentava a creche e nutria o sonho de abrir uma escola. Desse encontro e de um desejo partilhado nasceu, em 1994, esse espaço que rima infância, liberdade e acolhimento, cujos ensinamentos elas contam neste livro, cientes de que um mero acordo entre duas pessoas não funda uma instituição que, necessariamente, tem de ser algo maior – um conjunto articulado de elementos simbólicos que transcendem os indivíduos.

Mas, como diz o provérbio, nunca dois sem três. Outro feliz encontro marca este texto, o meu com elas e com a escola. Avó de duas netas, uma que já usufruiu desse delicioso espaço e outra que ainda o curte, sinto-me extremamente grata pelo convite para escrever o prefácio deste livro, por meio do qual quero convidar o futuro leitor a viajar comigo por este que, muito mais que um empreendimento bem-sucedido, é um verdadeiro projeto de vida, um “espaço de referência e acolhimento para alunos e pais”, uma “aposta no futuro”, um lugar onde, como diz Mario Quintana, “crianças não brincam de brincar, brincam de verdade”.

Começo por algo que sempre muito me impressionou na Jacarandá: a impressionante honestidade intelectual com a qual a escola se propõe a acompanhar aqueles que educa na “conquista do mundo”, sempre questionando o que está sendo oferecido às crianças e no que consiste seu projeto educativo para a primeira infância.

Se chamo a atenção para esse fato é porque fica patente no livro que as autoras não fazem nenhuma concessão às modas vigentes em educação e tampouco despendem energia num inútil marketing destinado a agradar

ao cliente – o que não as impede de levar em consideração, com muito tato, as preocupações dos pais quanto aos filhos. Ainda que o cliente não tenha sempre razão, ele tem suas razões. Por modas vigentes entendo, de um lado, a excessiva medicalização da infância e, do outro, a ilusão de uma educação “neutra”, incapaz de reconhecer que o educador lida com conteúdos que nada têm de neutros, transmitindo, intencionalmente ou não, um modo de viver, falar e pensar que não é nem o certo nem o único bom.

No que diz respeito à primeira dessas modas, a escola preocupa-se em não cair na armadilha de tachar qualquer criança mais ativa, levada ou dispersa com hiperatividade, ou àquelas que demoram mais a falar, ou estranhem mais, como pertencentes ao espectro autista. Não desprezam os conhecimentos médicos, tampouco o sofrimento psíquico, mas recusam diagnósticos apressados porque já vivenciaram casos em que determinado distúrbio simplesmente se reverteu. A criança é vista como alguém que, assim como as demais, está na escola para aprender e brincar.

A segunda dessas modas, nos tempos que correm, necessita de um maior aprofundamento porque uma das funções da escola, se não a principal, é a aprendizagem de uma ética do coletivo conjugada com a constituição de uma singularidade. Todos e cada um são noções que a escola precisa saber conjugar, pois ambas são necessárias para formar o sujeito cidadão.

Essa posição ética da qual Tânia e Vitória não abrem mão – e deve muito à psicanálise – vem refreando o impulso “comum a todo educador, o de tomar as crianças como seres ideais ou de moldá-las segundo um ideal”, ajudando-as a resistir conscientemente à idealização da criança “normal”, perfeita e seguidora das normas. A “normalidade” ou saúde da criança reside na sua capacidade de encontrar “um jeito próprio de ser, estar e fazer” o que, ainda que frustre de certo modo a demanda pedagógica, permite-lhe constituir-se como sujeito e não como um mero organismo natural em que tudo já está biologicamente programado – tampouco como mero instrumento de realização do desejo dos pais.

É bem sabido que os pequenos humanos nascem física e psiquicamente inacabados e o ser humano se constitui na interação com seus cuidadores numa relação necessariamente amorosa. Na Jacarandá, a criança é

reconhecida como sujeito de desejo e não como mero ser de necessidades que precisam ser satisfeitas. Como já cantavam os Titãs, lembram as autoras, “a gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte”. E nunca é demais lembrar que, no que diz respeito aos pequenos, o desejo de comida vem, desde as primeiras mamadas, carregado de outros sentidos além de matar a fome.

Foi esse posicionamento que lhes possibilitou, sempre que necessário, optar por mudanças de rumo, pegar atalhos e curvas, perseguindo um caminho não obturado por inúteis certezas, a não ser uma: a de que a atividade mais importante da criança na primeira infância é o brincar e de que uma educação infantil de qualidade “só é possível se as crianças – qualquer que seja sua idade, origem, condição física ou mental – puderem conviver, se movimentar, se sujar, ter voz ativa e ser escutadas”.

Para que isso aconteça, é preciso investir no vínculo afetivo entre alunos e professores, pois é por meio dele e de um brincar coletivo que os pequenos aprenderão a compartilhar brinquedos, objetos, espaços e a atenção da professora. Tarefa árdua que começa na infância, mas se estende pela vida afora. Por isso é tão importante cuidar de quem cuida, acolher os professores e investir em sua formação.

Investir nos professores implica levar em conta que seu trabalho não se restringe ao tempo em sala de aula; urge valorizar suas vivências pessoais, tendo sempre em mente que para ensinar é preciso que os conteúdos sejam permeados pelo desejo, “por algo incorporado no professor, como uma brincadeira de sua infância ou uma história que já conhece de cor, ou algo que lhe desperta a vontade de aprender e conhecer mais”.

O acolhimento dos professores e de todos os membros da equipe se dá por meio de um diálogo permanente. Só um adulto “escutado” pode investir numa educação infantil que ensine às crianças a interagir com seus amiguinhos e adultos que os cercam, ampliando “suas possibilidades de comunicação, resolução de conflitos e construção de representações do mundo”.

Educar e acolher implica, a meu ver, suportar o dissenso e fugir do pensamento único – que é sempre autoritário. Em tempos de escola sem

partido, nunca é demais lembrar alguns princípios básicos de uma educação democrática.

O brincar é levado extremamente a sério na Jacarandá, que o entende como toda e qualquer atividade da criança que lhe permita um exercício prazeroso de suas capacidades e expresse seu desejo de conhecer o mundo.

Brincar, é bem sabido, faz bagunça, sujeira, barulho e pode até estragar algo, mas só assim a criança poderá aprender a guardar depois de bagunçar, fazer silêncio para o amiguinho dormir e tentar consertar algo que estragou. Ao educador que os acompanha nessas brincadeiras cabe aceitar que às vezes “surjam brincadeiras com temas que causam constrangimento nos adultos”, ou que menino brinque de boneca e menina, de carrinho, tendo em mente que tais comportamentos são faz de conta e não predições quanto ao futuro da criança.

A ênfase dada à brincadeira é levada muito a sério: não é porque o objetivo principal é brincar que, afirmam as autoras, qualquer coisa serve. Muito pelo contrário, ainda que se mantenha uma rotina simples na qual se preserve o tempo e o espaço do brincar, a educação infantil pode dispor de um currículo riquíssimo, razão pela qual a escola investe no planejamento e na fundamentação teórica desse currículo por meio de uma divisão por áreas de conhecimento, a saber: língua, literatura e música, artes visuais, ciências humanas, naturais, matemática, corpo e movimento.

Nas rodas de conversa, de história e de música, tão comuns na escola, pressupõe-se que a criança pequena é um sujeito competente para a interação, inserido na linguagem mesmo antes de falar. Falar não se restringe a emitir oralmente uma série de palavras, mas tomar a palavra como instrumento de expressão e interação.

A roda de história, momento de aconchego, que também privilegia a linguagem verbal, propicia o despertar da imaginação. Com o passar do tempo, a interação com as histórias se amplia para além da oralidade e os pequenos vão desenvolvendo respeito e admiração pelos livros. É assim que se criam futuros pequenos leitores.

Na roda de música, as crianças são apresentadas a um repertório variado e de boa qualidade desde muito cedo, além de entrarem em contato com

inúmeras atividades realizadas pelo canto, por instrumentos musicais e pela dança. Não é raro chegar à escola num fim de tarde e encontrar as crianças sentadas em roda, cantando acompanhadas pela professora no violão.

Ainda que privilegiem a linguagem oral, essas rodas trabalham também outras linguagens – sobretudo a matemática, que vai sendo apresentada em situações cotidianas.

E não é que com a ajuda da matemática passamos para as artes visuais? Sim, e aqui deparamos com crianças autorizadas a se sujar, lambuzar e experimentar e manipular os mais variados materiais à vontade. Quer se trate de desenho, pintura, colagem ou mosaico, o importante é que elas tenham tempo e oportunidade de fazer e refazer, que invistam e empreendam esforços para chegar a um resultado que considerem satisfatório, expressão de seu pensar e sentir, o que é fundamental para valorizar suas singularidades.

Às crianças maiores, que já dominam a língua materna, é apresentado um novo desafio: o de interagir com a primeira língua estrangeira – no caso, o inglês, esse esperanto contemporâneo. A ênfase das aulas é colocada na compreensão auditiva, mas o que me parece prioritário é que esse encontro produz um momento de suspensão da língua materna e permite que a criança entre em contato com o desafio de se comunicar por meio de outro código, de outra melodia.

Na abordagem das ciências humanas, as autoras reafirmam que a ação educativa fundamenta-se, queiramos ou não, em determinada concepção de homem e de sociedade. Por isso, ainda que inconscientemente, a postura dos professores e o que é dito às crianças refletem seu modo de encarar o mundo. Excelente lembrança para os dias de hoje, em que alguns se iludem com as possibilidades de uma educação pasteurizada. Ela não existe.

Já me aproximando do final deste passeio pela Jacarandá, gostaria de chamar a atenção para o fato de que o acolhimento que consta no título é levado muitíssimo a sério, sendo de fato oferecido aos que ali trabalham, às crianças que frequentam a escola, às famílias e, ainda, às crianças ditas “difíceis”. As autoras do livro têm plena consciência de que uma das funções da educação infantil é ajudar os pais a se tornar pais e fazem isso com

muito tato, estando sempre disponíveis a ouvir os anseios destes – ainda que isso não signifique que venham a alterar regras e procedimentos para responder a demandas sem sentido. Conflitos e divergências fazem parte do cotidiano de uma escola, assim como fazem parte da vida. O importante é estar sempre atento pra que o espaço do diálogo se mantenha sempre aberto e, em certas ocasiões, trazer os pais para dentro da escola. As festas juninas costumam ser deliciosas, assim como as dos pais e as formaturas.

Se, como reza a lenda, Freud já nos teria alertado de que a educação é um dos três ofícios impossíveis, ao lado de governar e psicanalisar, concludo afirmando que a Jacarandá lida muito bem com essa impossibilidade, justamente porque ali tal impossibilidade não é escamoteada, e sim reconhecida.

CATERINA KOLTAI  
Socióloga, psicanalista e avó

## PRÓLOGO

CENA 1: o casal vem conhecer a escola e chega à visita com seu filho de 3 anos, que frequenta uma creche desde os 6 meses. Sempre que entramos em uma sala, o menino dirige-se à prateleira e toca os brinquedos, encantado. Quando chegamos ao pátio, vai ao tanque de areia e olha para os pais, pedindo permissão para brincar – como eles o autorizam, avisamos que é melhor ele tirar os sapatos. Imediatamente, o menino arranca os tênis e as meias e corre pela areia, rindo feliz. Para nós, cena comum, mas a mãe fica emocionada e diz: “Ele adora ficar descalço!” Sim, é muito importante, claro... Estranhemos a reação dos pais, que olham embevecidos para o menino que se delicia no tanque de areia, até que eles nos contam: “Na escola que ele frequenta é proibido tirar os sapatos”.

Cena 2: o sobrinho de uma professora, morador de outra cidade, entra numa escola prestes a completar 2 anos. Havia pouco tempo apreciávamos as fotos dele começando a andar ou tomando banho de bacia no quintal, já que vive cercado de área verde, num bairro parcialmente rural. Que alegria, pensamos, como está crescendo! Logo a foto na rede social nos surpreende: de volta de seu primeiro dia de aula, o menino está sentado na sala, fazendo a lição de casa com giz de cera e um desenho para colorir, com letras para copiar.

Falar sobre nossa atuação na educação infantil sempre nos pareceu um exercício de reflexão ou um esforço de preservação de memória, mas as cenas relatadas anteriormente deixaram-nos aturdidas. Quando pensávamos que a maioria das escolas já estava sintonizada com as atuais diretrizes – que valorizam o brincar e a interação com a natureza –, deparamos com situações que revelam a manutenção de um ensino formal e intelectualizado na educação infantil. Um ensino que rouba o tempo de ser criança.

O tempo não para nem volta. A intensa utilização de aparatos tecnológicos digitais também nos assusta, se não porque representa um impedi-

tivo para a criança pôr o pé na areia, porque seduz crianças e adultos para uma experiência empobrecida do ponto de vista sensorio-motor e social, também roubando o tempo do brincar. Tememos que logo estejam em todas as escolas infantis, ocupando mais espaço do que a interação com e no mundo real, rico em experiências e imprevistos.

Apesar da disseminação das práticas italianas de Reggio Emilia e das experiências advindas da húngara Emmi Pikler, de belos filmes nacionais, livros e iniciativas sociais em prol das experiências lúdicas na primeira infância – e até de documentos oficiais (ao menos no município de São Paulo) –, apontarem nessa direção, persistem nas escolas as práticas tradicionais de colorir um desenho pronto e de tolher o corpo e o movimento das crianças.

As melhores lembranças trazidas pelos nossos ex-alunos sobre a passagem pela escola são os banhos de mangueira, as festas e brincadeiras na terra e na areia, além das amizades duradouras lá construídas. Para os pais, a possibilidade de interlocução e de estar presentes na escola ao lado dos filhos, interagindo e observando o brincar nos momentos cotidianos, de entrada e saída, representa um espaço de aprendizagem e de apoio do qual se lembram após muitos anos. Que a escola seja um lugar de referência e acolhimento para alunos e pais é para nós motivo de orgulho e reconhecimento.

Ao divulgar nossa experiência de quase 25 anos a educadores e pais, desejamos repensar o que estamos oferecendo às crianças e reescrever continuamente um projeto educativo para a primeira infância. Ainda é importante defender que uma educação infantil de qualidade só é possível se as crianças – qualquer que seja sua idade, origem, condição física ou mental – puderem conviver, se movimentar, se sujar, ter voz ativa e ser escutadas.





I • A CONSTRUÇÃO  
DE UMA ESCOLA

# 1. ONDE COMEÇA A HISTÓRIA DA ESCOLA JACARANDÁ?

TALVEZ MUITO ANTES de iniciar o projeto empresarial de abrir uma instituição de ensino ele venha sendo gestado na cabeça de seus fundadores. Com a Jacarandá foi assim. Uma escola que nasceu de um grande encontro: uma creche que tinha um trabalho muito bem fundamentado no construtivismo e uma mãe de aluno, psicóloga que trabalhava com gestantes e puérperas e nutria o sonho de abrir uma escola desde os tempos em que cursara o magistério.

A Creche Comunitária da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, conhecida como Espaço Livre, estava encerrando suas atividades, pois funcionava num prédio da PUC, que o requisitava. A Espaço Livre fazia parte do quadro de pré-escolas alternativas descrito por Daniel Revah (1995), que prezava pela valorização da atividade, da participação e da expressividade infantis, pelo contato direto com materiais naturais e “desestruturados” e pelo grande envolvimento das famílias. A coordenadora pedagógica da creche, Vitória Regis Gabay de Sá, organizava reuniões de discussão e estudo com os professores e o grupo de pais era muito participativo. Nessa conjuntura de manter o belo trabalho educacional que era realizado na Espaço Livre, a psicóloga Tânia Campos Rezende convidou o grupo de profissionais e pais para a acompanharem numa nova jornada. Assim, em 1994 nasceu a escola Jacarandá Berçário e Educação Infantil, na qual Tânia é responsável pela direção-geral e pela coordenação do berçário e Vitória, logo associada à empresa, exerce a função de coordenadora pedagógica. Agora, mais de 20 anos depois, ambas resolvemos contar nossa história.

A Jacarandá é uma escola particular de educação infantil localizada na região central de São Paulo, que atende crianças desde o berçário até o fim da educação infantil (crianças de 4 meses a 5 anos de idade). Ocupamos um grande sobrado, com quintal e instalações adaptadas ao funcionamento escolar, de modo que cada agrupamento de crianças pode utilizar uma

sala. O Berçário tem salas exclusivas e contíguas para brincadeira, dormitório, higiene e lactário. Existe uma sala de uso coletivo, também utilizada à noite para reuniões de professores e pais, e espaços de uso administrativo-pedagógico (recepção/secretaria, sala da direção e coordenação, sala de professores, cozinha).

As famílias atendidas são de classe média e média alta e quase todos os pais têm formação superior. Há grande variedade de profissões e estilos de vida, além de forte presença de estrangeiros e de pessoas vindas de outros estados ou cidades do Brasil. A escola destina uma quota de bolsas a famílias com menor poder aquisitivo ou que estejam passando por dificuldades financeiras. De modo geral, é uma população participativa, exigente e questionadora, que valoriza a educação.

Nossa tônica nos primeiros anos de trabalho foi adequar o ensino às “necessidades e aos interesses” da criança, intenção herdeira do discurso pedagógico hegemônico, buscando fundamentação no estudo psicológico do desenvolvimento infantil, sobretudo nos estudos socioconstrutivistas. Carregamos vestígios de ideias profiláticas, resquícios de “estímulos” e de comportamentos “naturais”, que foram vividos e aprendidos na nossa vida escolar e universitária e nos cursos de formação – os quais, aos poucos, descartamos. Em nosso percurso, também incorporamos traços libertários, democráticos e culturais de estudos realizados em outros espaços e oriundos da prática com crianças em escolas inovadoras.

A psicanálise, inicialmente convocada como especialista para resolver impasses e conflitos, foi, ao contrário, desconstruindo nossas certezas e ampliando nossa reflexão sobre a impossibilidade de encontrar uma resposta exata ou perfeita para essas situações. Participamos de diversos cursos e seminários; porém, mais do que o contato com a teoria, foram outros os fatores determinantes de nossa opção pela psicanálise: a análise pessoal, o contato direto e próximo com diversos psicanalistas (amigos e pais de alunos) e a realização de algumas supervisões que muito nos ajudaram.

Desde então, nosso investimento na psicanálise é crescente, já que esta, cada vez mais, tem agido em nosso cotidiano para refrear o impulso – comum a todo educador – de tomar as crianças como seres ideais ou de